

2013

Exclusão Social

Excerto do meu Relatório final de Licenciatura

Maria de Lurdes dos Santos Pereira



Exclusão Social

O conceito de exclusão social é relativamente recente e teve como berço a Europa, onde teve o seu maior desenvolvimento. Embora a exclusão social sempre tenha existido, há um consenso geral entre diversos autores de que a publicação do livro de René Lenoir, «Les exclus», em 1974, foi um marco na origem do conceito de exclusão social, já que constituiu um alerta para o facto de que uma economia em expansão tende para a exclusão dos grupos que apresentam diminuição física, psíquica e social. Já então, Lenoir postulava que um em cada dez franceses ficava à margem dos resultados económicos e sociais, circunstância que lhe causava severa preocupação (Estivill, 2003).

Assim, de acordo com a definição presente no Programa da Luta contra a Exclusão Social, (2003:39) *“a exclusão é um processo acumulativo e pluridimensional que afasta e inferioriza, com ruturas sucessivas pessoas, grupos, comunidades e territórios dos centros do poder, dos recursos e dos valores dominantes”*. Por conseguinte, a exclusão é um processo que se traduz num itinerário com princípio e fim, cujo percurso se processa por diversas fases. A exclusão não é um processo linear, de modo que, para a sua compreensão é necessário analisar as suas causas e origens, que é o mesmo que dizer, que é necessário conhecer a história dos indivíduos, elemento fundamental para explicar a exclusão a que o indivíduo, família, grupo ou território, foram submetidos (Estivill, 2003).

Por norma, a exclusão acontece a partir de um encadeamento de factores de natureza relativamente distinta que convergem, mais ou menos de forma contínua e repetitiva, no nível de vida de pessoas, grupos e territórios. Exponencialmente a exclusão deriva da falta de meios de subsistência, não sendo apenas produto da diferenciação social. São os circuitos de privação, assim como as desvantagens acumuladas, que enformam a exclusão. Para além disso, há que ter em conta que as origens familiares, um nível de escolarização baixo, nulo ou deficiente, bem como uma formação profissional escassa ou deficitária, a falta de trabalho, os vencimentos reduzidos, uma habitação inadequada ou em más condições, doenças, a maior parte das vezes aliadas à falta de prestações sociais e sem acesso aos serviços públicos, entre outros, costumam ser elementos geradores da exclusão (Estivill, 2003).

Déchamps (1998, in: Estivalli, 2003:47) refere que *“a dimensão económica da exclusão implica a sucessiva ausência do mundo produtivo e do consumo, a sua dimensão social compreende a perda da sociabilidade primária e secundária, e a sua dimensão simbólica é definida pelos comportamentos e valores comuns, assim como pelas representações que tendem a classificar socialmente as pessoas (incompetência, mediocridade, identidade negativa).”*

Por conseguinte, e de acordo com Castel (1995, in: Estivill, 2003:18) *“a exclusão social significa fundamentalmente desintegração social a diferentes níveis: económico, social, cultural, ambiental e político. Reflecte-se na fragilização dos laços familiares e sociais e na não participação na vida comunitária, e implica o que Robert Castel chama de «desafiliação» em relação à sociedade: o não reconhecimento do lugar na sociedade.”*

Em situação de fragilidade social, resultante das transformações sociais, encontram-se as crianças pobres, idosos isolados, desempregados, os sem-abrigo, pessoas com deficiência física e/ou mental, migrantes, ex-reclusos, toxicodependentes e alcoólicos, sendo que requerem acompanhamento dos serviços sociais.

Fatores de exclusão social

É por demais reconhecido que a **toxicodependência** é um dos factores de exclusão social dos indivíduos, até porque se encontra associado à incidência de casos de contracção do vírus do VIH/SIDA. No seio deste grupo verificam-se regularidades conducentes à situação de pobreza e exclusão social, tais como: baixos níveis de escolaridade, taxas de desemprego muito elevadas, precariedade no mercado de trabalho e instabilidade profissional, rupturas sócio-familiares, ausência de regras e rotinas, auto-marginalização, problemas de saúde (PNCD, 2005). Quando a dependência atinge determinados limiares, geram-se rupturas em praticamente todas as instituições sociais, na família, no trabalho, etc, sobrando somente as ligações com o grupo dos consumidores e dos traficantes.

O fenómeno dos **sem abrigo** comporta um rol de questões multifactoriais. *“Em Portugal, desconhece-se o número global de pessoas sem-abrigo. Sabe-se, contudo, que são sobretudo homens em idade activa (30 aos 49 anos), solteiros e divorciados, de*

nacionalidade portuguesa, com escolaridade básica, distribuídos essencialmente pelas grandes áreas metropolitanas (Lisboa e Porto), seguindo-se as cidades médias de Setúbal, Faro e Braga. Já não são somente os marginalizados clássicos, sendo visível a emergência de uma nova geração de pessoas com peso crescente de doentes mentais, toxicodependentes, alcoólicos, ex-reclusos e outras de pessoas que se encontram em situação de ruptura com as normas e Instituições vigentes quebra de laços sócio-familiares, instabilidade profissional, inacessibilidade à habitação, dificuldades de acesso ao emprego, baixos rendimentos, ausência de regras e rotinas, auto-marginalização, diluição de hábitos de trabalho, regressão nas capacidades cognitivas - e sem qualquer tipo de suporte social, psicológico e económico. Mencione-se, ainda, o aparecimento de “novos sem-abrigo”, caracterizados por possuírem níveis de qualificação mais elevados (ensino secundário e curso médio/superior), que por motivos de rupturas profissionais são excluídos de participarem socialmente” (Diário da República, 1ª série — Nº 240 — 15 de Dezembro de 2006:8411)

No que diz respeito à prostituição, a estigmatização a que as prostitutas estão sujeitas, percebida através de insultos verbais e discriminação nos contatos que mantêm no quotidiano, e a associação a grupos com comportamentos desviantes, como por exemplo, o caso das toxicodependentes, tornam este grupo de mulheres um dos mais vitimizados da sociedade. Os processos de exclusão de que são alvo as prostitutas e outros trabalhadores sexuais revestem-se de múltiplas formas, mas o mais evidente é a exclusão social. Marginalizar as pessoas que se prostituem implica afastá-las do sistema social. Os trabalhadores sexuais, situados à margem do mundo do trabalho e das suas protecções, representam uma zona de vulnerabilidade, entre integração e exclusão, na qual os indivíduos estão reduzidos a actividades degradantes, arriscadas e, quantas vezes, clandestinas, para não se afundarem na inexistência social. A toxicodependência é um fator de vulnerabilidade acrescida nos trabalhadores sexuais, uma vez que, a severidade dos sintomas de abstinência de droga, levarem a uma menor selectividade com os clientes e a encetarem práticas de risco, como por exemplo praticarem sexo sem preservativo (Oliveira, 2004).